

EDUCADORES DE TECNOLOGIAS E ARTES DO SESC SP: PERCEPÇÕES SOBRE O PROGRAMA E HÁBITOS CULTURAIS

Rafael Matrone Munduruca¹

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa em gestão cultural que buscou conhecer as educadoras e educadores do Programa de Tecnologias e Artes do Sesc São Paulo e seus hábitos culturais. As respostas apresentadas por eles ao questionário constituem uma constelação de experiências e pontos de vista que sugerem aproximações e singularidades entre os integrantes deste coletivo. A análise aqui busca apresentar as informações coletadas por meio de 42 perguntas que abordaram temas sobre vida profissional e relação com o Sesc, impressões sobre o Programa de Tecnologias e Artes e sobre o cargo de Educador de Tecnologias e Artes, hábitos culturais e perfil sociocultural das educadoras e educadores participantes.

Palavras-chave: gestão cultural, tecnologias e artes, arte e educação, educador

O presente artigo analisa uma pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão no Curso Sesc de Gestão Cultural 2018/2019, oferecido pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. A referida pesquisa teve como objetivo conhecer melhor quem são as pessoas que atuam como educadores no Programa de Tecnologias e Artes do Sesc São Paulo, de forma a apresentar as percepções, conhecimentos e hábitos culturais dos indivíduos que compõem este coletivo e evidenciar possíveis lacunas, de forma a subsidiar as ações dos gestores culturais que conduzem as ações do programa.

Criado em 1946, o Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição privada sem fins lucrativos, mantida pelos empresários do comércio de bens, serviços e turismo visando o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores destes setores e de suas famílias. O Sesc desenvolve ações de educação não-formal, nas áreas artísticas, culturais e de esporte, além de oferecer serviços de lazer, alimentação, odontologia e turismo social, visando proporcionar variadas possibilidades de experimentar, pensar, conviver, agir e sentir.

¹ Rafael Munduruca é mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pós-graduando em Arte e Educação pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, especialista em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa. Atualmente é assistente na Gerência de Artes Visuais e Tecnologia no Sesc São Paulo, responsável pela coordenação do Programa de Tecnologias e Artes. rafaelmunduruca@gmail.com

O Sesc possui 40 centros comunitários e quatro unidades especializadas espalhadas pelo estado de São Paulo. Entre suas ações artísticas e culturais, está o Programa de Tecnologias e Artes. No âmbito deste programa, educadores especializados e artistas e técnicos convidados propõem cursos, oficinas e vivências em artes híbridas, em áreas como fabricação digital, software livre, hackerismo, cultura digital, audiovisual, fotografia, design, inclusão e letramento digital, editoração, animação, moda, marcenaria, games, inovação urbana, entre outros.

Assim como os hack, fab e media labs, estes espaços buscam estimular a experimentação por meio da convergência de tecnologias e linguagens. São atividades nas quais a costura se combina à eletrônica ou a marcenaria se encontra com a impressão 3D, entre tantas outras possibilidades. E mais do que o produto final, o importante é o aprendizado, o processo e o fazer compartilhado. Os Espaços de Tecnologias e Artes buscam valorizar a convivência, a diversidade, o protagonismo e a reflexão crítica por meio de atividades criativas.

Faz parte da equipe do Sesc São Paulo, 84 profissionais que atuam como Educadores de Tecnologias e Artes. Quem são esses educadores? Para eles, o que é o Programa de Tecnologias e Artes? O que compõem a estrutura de trabalho desse profissional? Quais são os temas que eles mais dominam? Quais são os públicos que estão sendo contemplados nessa dinâmica de trabalho? Existe alguma relação entre as atividades desenvolvidas no tempo livre desses profissionais com a sua atuação enquanto educadores? O grupo de educadores de Tecnologias e Artes do Sesc São Paulo é diverso?

A presente pesquisa busca responder a essas e outras tantas perguntas a partir das repostas apresentadas pelos educadores que aceitaram responder um questionário online. O formulário foi composto por 42 perguntas que abordaram temas sobre a vida profissional e relação desses educadores com a instituição, suas impressões sobre o Programa de Tecnologias e Artes e sobre o cargo que exercem, seus hábitos culturais e o perfil sociocultural dos educadores participantes.

Na ocasião da aplicação desta pesquisa, o quadro de Educadores de Tecnologias e Artes do Sesc era composto por 77 educadores, espalhados por 36 unidades operacionais. A adesão a pesquisa foi de 49% dos profissionais. Apesar de substancial, a

adesão representa uma parcela do universo de educadores, de modo que nenhuma resposta representa o pensamento de todos. A análise pretende constituir uma constelação de experiências e pontos de vista que indicam aproximações e singularidades entre os integrantes deste coletivo.

Vida Profissional e Relação com o Sesc

Antes de entrar no Sesc, a grande maioria desses educadores já haviam trabalhado nas áreas de educação (42,1%), comunicação (18,4%) e artes (10,5%). Os demais trabalhavam em setores como serviço público, comércio, terceiro setor, mercado financeiro ou pesquisa acadêmica. As experiências em educação são muito variadas e incluem passagens pelo ensino regular, ensino técnico, arte-educação e educação social. E alguns dos educadores, que não atuavam na educação antes de entrar no Sesc, passaram a ter trabalhos paralelos nesta área em outras instituições.

É interessante observar que a grande maioria dos educadores que participaram da pesquisa (55,3%) estão na instituição a mais de cinco anos, o que indica certa estabilidade na relação com o Sesc. Além disso, 44,7% dos profissionais tem menos de cinco anos na instituição, o que evidencia a expansão que a rede vem tendo no estado de São Paulo nos últimos anos, com a inauguração de oito novas unidades.

Quando o assunto é a mobilidade dos educadores entre unidades do Regional, 52,6% trabalharam em apenas uma unidade, 26% deles atuaram em duas, 11% estiverem presentes em três unidades, 8% circularam por quatro e 3% atuaram em cinco unidades. Entre aqueles que trabalharam somente em uma unidade, 55% tem menos de dois anos de Sesc e 20% estão na instituição por um período entre 10 e 16 anos.

Perguntados sobre visitas as outras unidades do Sesc no durante o tempo livre, 79% dos educadores indicaram frequentá-las. O serviço de alimentação é buscado por 95% deles e as atividades artísticas fazem parte do cotidiano de 76,3% deles. Cursos e Oficinas e os Espaços de Tecnologias e Artes, que estão diretamente relacionadas as suas áreas de atuação, são procuradas por 50% e 45% deles, respectivamente.

Sobre o Programa de Tecnologias e Artes

“Trata-se de um projeto importante, que possui características nas quais me reconheço”, contou Antônio Celso, educador que desenvolve um trabalho referencial no Espaço de Tecnologias e Artes do Sesc Santos. Esse pensamento reúne elementos que

caracterizam um sonho, uma ideia associada a certa relevância, e relaciona as singularidades do programa a personalidade do indivíduo. O pertencimento talvez seja uma das chaves mais almeçadas neste processo, por aproximar e criar vínculos, o que é desejável tanto com os públicos internos, quanto com os públicos externos.

Da perspectiva histórica, por exemplo, o Tecnologias e Artes foi definido por Carolina Belizário, educadora no Sesc Interlagos, como “a revolução do antigo programa Internet Livre, ampliando sua atuação para além do acesso à internet, da navegação livre e da iniciação digital”. Visão necessária, uma vez que a trajetória percorrida pelo Internet Livre, que culminou no Tecnologias e Artes, é elementar e definidora do atual programa. Apesar de hoje ampliado, o pensamento sobre as tecnologias parte desta iniciação digital e deste mundo conectado e permanece, até o presente momento, em relação a este. Outras respostas indicam que o Tecnologias e Artes promove saberes, fazeres, ferramentas, técnicas e processos criativos, produtivos e críticos acerca das mais diversas tecnologias e artes.

Por possibilitar aos públicos uma compreensão e utilização das possibilidades técnicas de maneira criativa e crítica, o programa foi percebido ainda por uma perspectiva política, ressaltando a importância deste trabalho de educação não-formal. As atividades ofertadas buscam trabalhar a autonomia do indivíduo e são resultado de uma liberdade em propor temas e abordagens que a educação formal normalmente não consegue englobar.

Além disso, as respostas indicam que o Programa reflete preocupações sociais, resultando em atividades que promovem reflexão sobre a inclusão e a responsabilidade dos indivíduos em todos os aspectos: a diversidade, a acessibilidade, o compartilhamento dos saberes, o consumo consciente, o uso dos materiais coletivos, o descarte e o reaproveitamento de objetos e materiais.

O educador Felipe Calixtre, do Sesc Jundiáí, destaca como virtude do programa sua capacidade de se adaptar a diferentes contextos. Em cada unidade, os públicos, os equipamentos, as condições estruturais e específicas de cada sala acabam por moldar a ação do Tecnologias e Artes.

Nas respostas, percebe-se certo consenso no entendimento das tecnologias e artes, no plural, num sentido bastante amplo, que inclui não apenas as tecnologias

digitais, como computadores e processadores, mas também artefatos e metodologias analógicas como o papel, o lápis, a tesoura, o martelo, as tintas etc. e as ciências. Ainda de acordo com estes educadores, são desenvolvidas atividades de informática, elétrica, eletrônica, marcenaria, artes, fabricação digital, programação em diversas linguagens, robótica, moda e costura, processos de impressão, fotografia e tratamento de imagem, bordados, ilustrações, animação, vídeos, desenho, design, cinema, música, games, entre tantas outras.

Vale lembrar que todos os educadores que fazem parte do quadro operacional do Sesc SP foram contratados como Instrutores de Internet e Multimídia. A mudança de nomenclatura não havia completado seis meses quando os questionamos sobre a diferença entre ser Instrutor de Internet e Multimídia e ser Educador de Tecnologias e Artes. Para eles, o Instrutor de Internet e Multimídia seria aquele que atende e orienta os públicos sobre a utilização de computadores e redes de internet. O trabalho estava focado exclusivamente na inclusão e alfabetização digital e no aperfeiçoamento na utilização de dispositivos tecnológicos, com atividades curtas focadas em softwares livres, navegação e uso da máquina. Um trabalho técnico e superficial, focado em reproduzir conhecimentos, numa ação mais passiva, instrumental e funcional. Talvez numa visão mais romântica e ingênua, um “agente de democratização dos meios digitais”.

Já o Educador de Tecnologias e Artes é um ser multiplicador, que estimula o desenvolvimento de habilidades diversas e uma reflexão crítica e criativa. A ação depende essencialmente dos conhecimentos e habilidades de cada educador. Há um foco no desenvolvimento artístico por meio de um processo educativo mais amplo, que envolve variadas técnicas manuais e digitais, exploradas em cursos mais longos. Um trabalho mais profundo, complexo e abrangente, de mediação em arte e educação, que pressupõe um aprendizado compartilhado, pesquisa e descoberta. “A ideia de Educador traz consigo a ideia de uma proposta pedagógica mais ampla e continuada de propor aos participantes os conceitos do fazer, juntos ou sozinho”, conta Maraiza Adami, do Sesc Avenida Paulista.

A alteração da nomenclatura veio oficializar um longo processo de transformação do programa. Trata-se de um reconhecimento maior da ação destes

profissionais e está mais coerente com os valores do Sesc. Aline Hasegawa, educadora no Sesc Birigui, comenta que “nessa nova abordagem, o público é sujeito do processo de aprendizado e não apenas receptor do saber”. O trabalho do educador envolve esforço dialógico, compreensivo e processual. Ele atua no desenvolvimento humano, de forma criativa e crítica.

Uma questão fundamental para os Espaços de Tecnologias e Artes são os públicos que frequentam as atividades oferecidas. 82% dos educadores afirmam preferir trabalhar com idosos (pessoas com 60 anos ou mais), 78% diz ter facilidade para trabalhar com jovens adultos (de 19 a 29 anos), 73% afirma ter facilidade para desenvolver atividades com crianças (até 10 anos), 71% tem facilidade para trabalhar com adultos (de 30 a 59 anos) e 68% se dizem hábeis com os adolescentes (de 11 a 18 anos).

Ainda dentro deste tópico, foi perguntado com quais públicos seria necessário aprimorar o relacionamento dentro dos Espaços de Tecnologias e Artes e quais as soluções possíveis para essa questão. E todos os públicos foram citados em algum momento por algum educador, sendo que a necessidade melhorias nessas relações parecem estar relacionadas ao contexto e a realidade de cada unidade operacional do Sesc. Mas as soluções apontadas incluem: criar programações para públicos específicos, ampliar a escuta em relação aos seus desejos, melhorar as ações de divulgação e comunicação, estabelecer parcerias e ampliar a formação dos educadores.

Entre os educadores, 74% afirmam ter relações com grupos, coletivos e comunidades, externas ao Sesc, que desenvolvem ações relacionadas às áreas abordadas pelo Tecnologias e Artes. São espaços comunitários e coletivos de artistas, pesquisadores e hackers, grupos estudantis, de faculdades e universidades, espaços de fabricação digital públicos ou independentes, comunidades virtuais ligadas as tecnologias livres, eventos temáticos mensais ou anuais, coletivos de empreendedores locais ou de produção artística e cultural, grupos ambientalistas e comunidades negras, indígenas ou feministas. Locais nos quais desenvolvem experimentações, trocam conhecimentos, atuam como voluntários na condução de atividades, ou coletivos fundados por eles.

Convidados a pensar sobre o futuro do programa de Tecnologias e Artes, muitos educadores apontaram preocupações em relação ao atual contexto político brasileiro, mas se dizem esperançosos em relação ao projeto do Tecnologias e Artes. Acreditam em seu potencial de crescimento, expandindo as relações com outras linguagens artísticas e se consolidando como uma referência nas práticas de educação não formal, enquanto espaço do fazer e criar, e importante vetor do pensamento crítico em relação aos usos das tecnologias e das ferramentas, ganhando cada vez mais força e representatividade dentro das unidades e junto aos mais variados públicos.

Entende-se o Tecnologias e Artes como um programa bastante contemporâneo e que tem papel fundamental em auxiliar os públicos a desfrutar das possibilidades criativas, sem que a tecnologia digital prevaleça em detrimento de práticas artísticas manuais. Há, ainda, um desejo coletivo de que haja um aumento nos intercâmbios entre os educadores, consolidando uma ação em rede que favoreça a circulação deles entre unidades.

Deseja-se estabelecer uma relação com os públicos de forma que estes estejam cada vez mais presentes e atuantes, participativos, propondo as próprias ações a serem realizadas no espaço, com autonomia para propor atividades, ligar equipamentos e utilizar as ferramentas e materiais. Acredita-se ser necessário formar um senso maior de comunidade, tanto localmente quanto entre as unidades. E que as pessoas nos Espaços de Tecnologias e Artes possam ser mais diversas, tanto no que diz respeito aos educadores e profissionais contratados, quanto em relação aos públicos frequentadores, ampliando a relação com mulheres, negros, indígenas, LGBT's, entre outras comunidades.

Hábitos Culturais

No tempo livre os educadores desenvolvem diversas atividades. De acordo com essa pesquisa, a principal delas é frequentar atividades culturais, como exposições, peças de teatro e shows. Logo em seguida, vem as atividades ligadas ao entretenimento, como assistir filmes e séries, ou jogar videogame. Vários deles desenvolvem atividades artísticas diversas, como pintar, desenhar, escrever, programar e tocar instrumentos musicais. Em quarto lugar, aparecem as atividades sociais, que inclui encontrar os amigos, ir a bares, participar de ações políticas e socioambientais.

Atividades físicas, como caminhada, natação, jogos coletivos, pedaladas e corridas também aparecem nessa lista. Porém, boa parte dos educadores gostam de dedicar o tempo livre se informando ou lendo coisas em geral, de literatura a revistas, de livros técnicos a sites especializados. Nessa mesma linha, vários deles se dedicam a estudos livres de temas diversos. Fechando o bloco principal de atividades no tempo livre, vem os encontros familiares e, talvez o mais importante, o tempo dedicado aos filhos, seja estando por perto, brincando, ensinando, cuidando e aprendendo com eles.

Foram citadas ainda atividades turísticas e gastronômicas, afazeres domésticos, atividades formativas livres e acadêmicas, ações empreendedoras, jardinagem e ações ambientalistas. Passeios como visitas a parques públicos, estádios e ginásios também estão na lista. Seja para assistir a partidas esportivas ou simplesmente para flunar e deixar o tempo fluir. Por último, e não menos importante, foi citado o ócio e o descanso como atividades fundamentais no tempo livre.

Entre os espaços culturais frequentados pelos educadores de Tecnologias e Artes, foram nominalmente citados vinte e um centros culturais, onze museus, dez centros comunitários, oito parques públicos, três salas de cinema, três teatros, duas galerias de arte, uma biblioteca, um centro de educação ambiental, uma festa, uma sala de espetáculo e uma universidade. Só não valia citar as unidades do Sesc, que já estão o tempo todo nesse cotidiano. De acordo com a pesquisa, foi em alguns desses lugares que eles puderam ter contato com as experiências culturais que mais marcaram suas vidas.

Avaliamos ainda quais eram as áreas artísticas de influência que se repetiam com maior frequência. As Artes Visuais surgem de forma destacada, ocupando pouco mais de um quarto da deste mapa. De maneira quase que equilibrada aparecem a Literatura (19,4%), o Audiovisual e as Artes Cênicas (com 15,2% cada) e a Música (13,2%).

Entre as muitas citações, havia nomes de diversos artistas admirados, seja por posicionamentos políticos, posturas de enfrentamentos sociais ou simplesmente por uma trajetória consolidada na área de referência do artista em questão. Durante a análise, foi ficando evidente que um grande número desses artistas era composto por homens. Desta forma, buscamos radiografar estes artistas, procurando evidenciar o gênero dos

responsáveis pelas produções citadas. Desta forma, pudemos identificar que as artistas mulheres ocupam apenas 25,3% desse mapa.

Entre os educadores que participaram da pesquisa, 58% afirma produzir e divulgar conteúdos autorais, de caráter cultural, na internet. Desses, 43,5% afirma criar trabalhos ligados as artes visuais; 30,4% deles dizem se dedicar a alguma forma de prática literária; 13% afirma produzir trabalhos ligados à área audiovisual; 8,7% contam que produzem e divulgam conteúdos de arte sonora; e 4,4% afirmam se dedicar às técnicas têxteis ou as artes cênicas.

Perfil Sociocultural

Para traçar o perfil sociocultural do grupo, foram reproduzidas algumas das perguntas que são realizadas em censos demográficos e avaliações socioculturais diversas. Foram apresentadas questões sobre faixa etária, gênero, orientação sexual, etnia, religião e origem geográfica.

Trata-se de um grupo formado em grande maioria (57%) por pessoas da década 1980, a chamada Geração Y, que viveu intensamente a transição entre o chamado mundo analógico e o digital. Uma quantidade considerável de educadores (24%) nasceu na década de 1970, a chamada Geração X. Alguns poucos podem ser classificados como Baby Boomers. E não há representantes da Geração Z, aquela pela qual são conhecidos os chamados nativos digitais.

Entre os educadores que responderam a pesquisa, 45% são mulheres e 55% são homens. Se todos os educadores que trabalham no Sesc atualmente tivessem participado da pesquisa, essa média seria de 41% de mulheres e 59% de homens. Deste grupo, 71% afirmam ser heterossexual, 13% se identificam como bissexuais e apenas 11% dizem ser homossexuais. Cerca de 5% dos participantes da pesquisa optaram por não declarar a orientação sexual.

Quando a questão é étnica, a falta de diversidade entre os que responderam à pesquisa é bastante expressiva. Questionados sobre cor/raça, 63% dos participantes afirmam ser brancos. Porém, aparecem na lista pardos (13%), indígenas (5%) e pretos (3%). E cerca de 11% dos respondentes optaram por não declarar informações sobre cor/raça. É lamentável a quantidade inexpressiva de negros entre os que responderam à

pesquisa. E, infelizmente, essa porcentagem é bastante próxima do número real que seria obtido caso todas e todos tivessem participado deste questionário.

Quando o quesito é religião, sobressai o número de pessoas que afirmam não ter crença alguma. Trata-se de 45% dos educadores. Entre as religiões citadas, estão representadas quase que na mesma proporção as matrizes afro-brasileiras (como candombe e umbanda), os católicos, os ateus ou que não acreditam em Deus e aqueles possuem alguma outra religião.

Em relação as áreas de formação destes profissionais, 46% são da área de Linguística, Letras e Artes, 24% deles estudaram cursos ligados às Ciências Sociais Aplicadas, 19% são graduados nas áreas de humanas e 11% de exatas.

Considerações finais

Ter a possibilidade de mapear e observar todas estas informações, apontaram para questões importantes: a percepção de que, em grande parte, trata-se de uma equipe muito consciente das possibilidades do Tecnologias e Artes e de suas competências em relação ao programa; o conhecimento e admiração à trajetória de cada indivíduo que se dedica a entrar em um Espaço de Tecnologias e Artes para conduzir uma atividade; o desejo de ampliar a diversidade de públicos, internos e externos, que protagonizam esta ação; a necessidade de repensar as relações entre o Tecnologias e Artes e o Desenvolvimento Artístico em Artes Visuais – outro programa desenvolvido pelo Sesc, com ações muito próximas; a importância de pensar estratégias de valorização desta ação; a necessidade de encontrar mecanismos para intensificar as ações em rede e a formação dos educadores.

Percebo a importância dessa pesquisa para este gestor que estou, e para os próximos que virão a ocupar esta posição, no sentido de reconhecer o protagonismo do Tecnologias e Artes na figura dos educadores. São eles que, ao compartilharem (ou não) dos desejos e intenções sugeridos pela coordenação do programa, estabelecem redes e definem os rumos dessa navegação.